



ESTIGMA DE QUEM NÃO VIROU A CARA

A pacificação de Moçambique — obra digna de se ver

Permanência
(8) Dez. 1970:
8-9.

«Vou pedir para cá continuar» — esclareceu-nos o dono da casa, insistindo para que bebêssemos a aguardente e o café forte, acabado de fazer pela mulher, que acordara ao ter conhecimento da nossa imprevista chegada. Quem assim falava era o único polícia europeu existente num dos aldeamentos da região de Namuno, distrito de Cabo Delgado.

OS ALDEAMENTOS

A acção inimiga em Moçambique afecta essencialmente as etnias Maconde, Acheua e Nianja, todas elas distribuídas por território nacional e estrangeiro. Perante a tentativa do avanço para o Sul em direcção à Zambézia, a zona vital da província, deparou-se o obstáculo constituído pelo grupo étnico Macua. A iniciativa dos aldeamentos em várias regiões, tais como as de Montepuez e Namuno, reforçou a resistência à subversão.

Existem actualmente cerca de 440 000 elementos da população moçambicana que vivem em aldeamentos. Muitos deles têm sido construídos voluntariamente pelos próprios habitantes, limitando-se as autoridades civis ou militares a fornecer o apoio técnico, transportes e a orientação, numa oportuna

iniciativa de colaboração, normalmente mais eficiente do que as dádivas puras.

Os aldeamentos distribuem-se pelos distritos de Niassa, Cabo Delgado e Tete, perfazendo os elementos da população aldeada, respectivamente, 160 000, 270 000 e 10 000 almas. Foi precisamente num dos aldeamentos de Cabo Delgado, na presença do jovem e entusiástico administrador de Namuno e na de um oficial do Exército, irmanados num perfeito espírito de colaboração, que aquele simples e anónimo polícia manifestou a sua vontade de permanecer naquele local, embora fosse o único branco entre cerca de um milhar de negros.

O INIMIGO

Oficialmente, a subversão armada iniciou-se em 25 de Setembro de 1964, ano decisivo para a FRELIMO, actualmente o movimento mais activo em Moçambique. Nesse dia foi assaltado o posto administrativo de Chai, próximo de Macomia, distrito de Cabo Delgado. Já no mês anterior fora assassinado um padre da missão católica de Nangololo e a cabeça colocada no altar. Os régulos, chefes gentílicos e os melhores cipaiois foram as vítimas

preferidas dos grupos terroristas, o que favoreceu a acção de aliciamento e intimidação realizada sobre as populações.

Mondlane, o chefe da FRELIMO, era casado com uma norte-americana de origem sueca. Este movimento, cuja constituição data de 1962, passou a ser auxiliado quer por países comunistas quer pelos E.U.A. e países nórdicos, e muitos dos seus chefes foram treinados na Rússia e na China.

Após a morte de Mondlane, em Fevereiro de 1969, a direcção do movimento foi assumida por um triunvirato. Acentuaram-se as divergências no seio da FRELIMO, atingindo não só o alto-nível, o que motivou o afastamento de Uria Simango, mas também estendendo-se a outros dirigentes. Alguns deles chegaram mesmo a ser assassinados. Por outro lado, as desinteligências internas provocaram um clima propício à apresentação de elementos, alguns dos quais com prestígio incontestável. Foi o que sucedeu com Lázaro Cavandame, chefe do povo maconde, que declarou, perante o Ministro de Segurança da Tanzânia e o Comité Central da FRELIMO, ser esta uma organização não para servir o povo mas sim para os seus dirigentes se servirem do povo. A apresentação de Cavandame teve influência em mais fugas, entre as quais a de Alexandre Magno, antigo membro do Comité Central da FRELIMO e seu secretário-provincial para a Zambézia. A recente apresentação, em Mueda, de Verónica Namiva, ex-presidente da Liga Feminina da FRELIMO, constituiu mais um golpe para aquela organização subversiva.

A IMPORTÂNCIA DA POPULAÇÃO

A guerra que se trava em Moçambique, tal como a da Guiné ou de Angola, é uma guerra subversiva e, como tal, a sua razão de ser essencial é a *população*.

O meio humano da África Oriental Portuguesa é bastante heterogéneo. Os 7 milhões de seres que habitam os 784 000 Km² de território moçambicano pertencem a grupos étnicos consideravelmente diferentes. Só na etnia negróide, a mais numerosa, encontram-se 83 tribos, que podem ser agrupadas em 10 grupos étnico-linguísticos. Há ainda os caucasóides europeus e uma representação considerável de orientais. Esta policromia é acompanhada de uma gama igualmente diversa de culturas e religiões, desde os

Macondes, povo cristão, ao grupo de islamizados, que atinge 1,5 milhões de indivíduos, originários da Índia, Paquistão e África. Daqui a premência de uma acção psicológica que caracteriza este tipo de guerra e que acompanha as acções violentas, de modo a conquistar ou a traumatizar as populações.

O esforço inimigo tem sido exercido ultimamente, em especial, de modo a dificultar o aldeamento das populações ainda não reordenadas, sobretudo as da região de Tete, procurando aliciá-las ou forçando-as à fuga para as matas ou países vizinhos. Neste distrito — que deve constituir o problema actual mais grave em Moçambique —, tentou colocar-se as populações locais num estado de insegurança que devia abranger os operários que trabalham na barragem de Cabora-Bassa, verdadeira resposta à subversão.

Se se agravou a situação em Tete, diminuiu, em contrapartida, a pressão sobre as populações no Niassa. Na realidade, os raptos e outras acções violentas praticadas pela FRELIMO não conseguiram alcançar os objectivos pretendidos, e o afluxo de apresentações, em vez de diminuir, aumentou acentuadamente.

Durante o 2.º trimestre deste ano realizaram-se cerca de 3000 apresentações, na sua maioria no distrito de Niassa, oriundas do Malawi. No mês de Agosto apresentaram-se 1087 elementos. O aumento substancial de apresentados vindos do país chefiado pelo Dr. Banda, bem como a falta de apoio das populações refugiadas no Malawi, são frustrações dolorosas para a FRELIMO.

O inimigo, que, como já se frisou, procura evitar, por todos os meios, que se processe o aldeamento das populações — feliz método de valorização da terra e das gentes e óptimo antídoto contra a subversão, desde que seja efectuado segundo as regras necessárias —, tem escolhido como alvo predilecto os postos de polícia e de milícias que defendem os aldeamentos. Com estes ataques pretende não só criar um clima de insegurança nas populações reordenadas como desacreditar os elementos das milícias perante as populações e desencorajar o alistamento nessa instituição.

A AJUDA EXTERNA

Hoje não há subversão que subsista sem ser apoiada do exterior. Essa ajuda pode assumir aspectos bem di-

versos, desde o fornecimento de material, instrutores e «conselheiros» até às manobras diplomáticas ou ao auxílio técnico e financeiro; mas o facto é que existe sempre.

Os movimentos com que actualmente lutamos em África não fogem a essa regra soberana. É o caso da FRELIMO, razão por que se tem preocupado em combater a O.T.A.N. e em atrair as atenções mundiais para a sua causa. Grande parte do material capturado pelas nossas tropas é de patente russa, embora, na sua grande maioria, seja fabricado na China Continental. O pessoal é instruído, essencialmente, nos territórios vizinhos da Tanzânia e da Zâmbia, sendo os instrutores, principalmente, chineses, embora também tenham sido referenciados argelinos e egípcios. O material



Muitos elementos da população moçambicana estão dispostos a colaborar activamente na contra-guerrilha

impresso da propaganda antiportuguesa é oriundo do Vietname, de Moscovo, de Pequim, etc.; e a guerra psicológica sonora que penetra em Moçambique, através duma centena de horas semanais, parte das rádios de Moscovo, Praga, Pequim, Tanzânia, Cairo, etc. É mais uma prova de que o inimigo sabe que as guerras modernas têm muito de psicológico. Na China diz-se que estas lutas devem ter 70 % de propaganda e 30 % de intervenção pura. Aliás, o mundo comunista gasta em propaganda para o mundo não comunista 2 dólares/ano *per capita*.

A FRELIMO segue a doutrina de Mao Tsé-Tung, donde lhe vem a men-

talização espiritual, resumindo-se o auxílio russo, essencialmente, ao campo material.

A CONTRA-SUBVERSÃO EM MOÇAMBIQUE

Sabendo que uma guerra subversiva não se ganha militarmente — embora se possa perder — mas sim com uma aplicação sistemática, coordenada e intensiva de uma série de medidas que abrangem o campo político, diplomático, económico e social, as forças da contra-subversão têm procurado agir adequada e eficazmente.

Dentro desse âmbito, a acção militar portuguesa é norteadada pelos seguintes objectivos: detecção e destruição dos grupos de guerrilhas; abertura e patrulhamento de itinerários; defesa das populações e auxílio a estas no campo económico e social, em colaboração com as autoridades civis.

No aspecto de acção militar pura, têm as Forças Armadas executado várias operações de grande envergadura no distrito de Cabo Delgado, sendo de destacar, para além dos resultados palpáveis de 40 toneladas de material apreendido, só numa operação, a evidência mais uma vez demonstrada da camaradagem vivida entre os diversos ramos e elementos das Forças Armadas.

Na verdade, a guerra, com a carga negativa que contém, serve também para mostrar o muito de positivo que existe no ser humano, como afirma Camus. A experiência dura, marcante mas também tónica, que é vivida neste conflito, vai penetrando no nosso povo neste intercâmbio Metrópole-Ultramar. Mais de 100 000 portugueses já conhecem Moçambique, o que é ainda muito pouco, mas, somados aos outros tantos que vivem em Angola ou na Guiné, constituem uma percentagem apreciável da população activa do país.

No ponto de vista humano, acrescentem os contactos travados na senda de um portuguesismo que permitiu um Brasil, um Cabo Verde e uma Inhambane, verdadeira jóia no Índico, de matizado de culturas e etnias. Tudo isto graças a uma juventude que não virou a cara a uma situação que não ajudou a criar e que está a realizar no nosso Ultramar uma obra digna de se ver, quer no espírito das gentes quer no progresso das terras.

Manuel Barão da Cunha